



## **AValiação DE PERIÓDICOS CIENTÍFICOS DA ÁREA SERVIÇO SOCIAL: QUADRIÊNIO 2013-2016**

*Evaluation of scientific periodicals in the field of Social Work: 2013-2016*

**Maria Lúcia Teixeira Garcia\***  
**Vera Maria Ribeiro Nogueira\*\***  
**Hélder Boska de Moraes Sarmiento\*\*\***

### **RESUMO**

Reflete sobre o processo de avaliação do Qualis da área de Serviço Social entre 2007 e 2016. Aborda aspectos que configuram o periódico como um veículo privilegiado de divulgação do conhecimento científico. Apresenta o sistema de avaliação de periódicos utilizado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior e discute os critérios do Qualis utilizados entre 2007 e 2012, os resultados obtidos, as mudanças realizadas no quadriênio 2013-2016 e as principais alterações e o resultado alcançado nessa área.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Qualis. Processo de avaliação. Serviço Social.

### **ABSTRACT**

This article reflects on the Qualis process of evaluation of periodicals in the field of social work from 2007 to 2016. It addresses aspects that configure the journal as a privileged vehicle for the dissemination of scientific knowledge. Introduce the system of evaluation of periodicals used by the Coordination for Improvement in Higher Education Personnel (CAPES), and discuss the criteria used by Qualis between 2007 and 2012, the results obtained, the changes realized from 2013 to 2016, and the main alterations and results achieved in this field.

### **KEYWORDS**

Qualis. Journal evaluation process. Social Work.

Submetido em: 3/7/2018.

Aceito em: 19/11/2018.

---

\* Assistente social e Historiadora. Doutora em Política Social. Professora Associado II da Universidade Federal do Espírito Santo. (Ufes, Vitória, Brasil). Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras, Vitória (ES), CEP.: 29075-910. ORC ID: <<https://orcid.org/0000-0003-2672-9310>>. E-mail: <[lucia-garcia@uol.com.br](mailto:lucia-garcia@uol.com.br)>.

\*\* Assistente Social. Doutora em Enfermagem. Professora do quadro permanente do Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina e do Programa de Pós-graduação em Política Social e Direitos Humanos da Universidade Católica de Pelotas. (Upel, Pelotas, Brasil). Félix da Cunha, 412 - CEP: 96010-000 – Pelotas (RS). ORC ID: <<https://orcid.org/0000-0003-4158-1510>>. E-mail: <[veramrn@gmail.com](mailto:veramrn@gmail.com)>.

\*\*\* Assistente Social. Doutor em Serviço Social. Professor dos cursos de graduação e pós-graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, Florianópolis, Brasil). Campus Universitário, Trindade, CEP.: 88040-970, Florianópolis (SC). ORC ID: <<https://orcid.org/0000-0003-3156-3626>>. E-mail: <[hboska@yahoo.com.br](mailto:hboska@yahoo.com.br)>.

DOI 10.22422/temporalis.2018v18n36p339-364



## Introdução

O sistema de avaliação de periódicos é consentâneo a um processo de crescimento desse tipo de veículo de divulgação científica no mundo. Antes dos primeiros periódicos científicos no mundo, as notícias sobre ciência eram difundidas por meio de folhetins e jornais cotidianos. Somente no século XVII, as publicações científicas são voltadas a um público geral (FREITAS, 2006).

Esse foi um período para a Europa marcado por crise de natureza econômica, ocorrência de epidemias (cólera, sarampo, varíola e tifo) e de guerras (em especial a dos Trinta Anos), revoltas políticas e sociais (camponesas, dos pequenos proprietários e comerciantes, e a pequena nobreza), e expansão da própria ciência com o avanço da industrialização. Ao mesmo tempo, estimulou transformações no processo de produção e na política mercantilista, ao substituir o mercantilismo centralizado na exportação de produtos oriundos das colônias para um *novo colonialismo*, que incentivava o consumo colonial dos produtos europeus (HOBBSAWN, 1979).

Esses aspectos trazem um novo fator para os dias de hoje, ciência e mercado articulam-se no interior da relação entre produção e consumo, distribuição e circulação (MARX, 1985), tornando os periódicos fator preponderante nessa relação.

## 1 História dos periódicos

No século XVII (1660), registra-se a criação do *Royal Society of London*<sup>1</sup>, época em que estava em curso a defesa do uso do método científico (Bacon e Descartes), com o papel de destaque a observação empírica e sua sistematização, que deveria ser posta em exame, e suas hipóteses debatidas. Para a divulgação das pesquisas e análise, adota-se um formato de veículo: o periódico científico. A ideia baseava-se em um modelo simples – cada experimento ou observação nova resultava em um artigo. Construía-se um ethos “**work, finish, and publish**” (FARADAY, 1999).

Na frase célebre de Faraday, o trabalho – a pesquisa – é essencial, a pesquisa sistemática é a base para aprimoramento de habilidades, incluindo aqui também a escrita (que requer que você trabalhe). A questão do quando e como a pesquisa científica termina é outra questão a se pensar. Sempre haverá algo novo a explorar. Por outro lado, há um ponto em que você precisa simplesmente terminar, mesmo que o término represente o início de uma nova etapa da pesquisa com novos problemas derivados do anterior, esse é o momento

---

<sup>1</sup>Em sua página na internet (<https://royalsociety.org/about-us/history/>), consta que “Our origins lie in a 1660 ‘invisible college’ of natural philosophers and physicians. Today we are the UK’s national science academy and a Fellowship of some 1,600 of the world’s most eminent scientists.

The Royal Society’s motto ‘Nullius in verba’ is taken to mean ‘take nobody’s word for it’. It is an expression of the determination of Fellows to withstand the domination of authority and to verify all statements by an appeal to facts determined by experiment.

The early years of the Society saw revolutionary advancements in the conduct and communication of science. Hooke’s *Micrographia* and the first issue of *Philosophical Transactions* were published in 1665 alone. *Philosophical Transactions*, which established the important concepts of scientific priority and peer review, is now the oldest continuously-published science journal in the world”. Newton, Oldenburg, Hooke cresceram e se tornaram conhecidos como membros do *The Royal Society of London*”. O jornal científico nascia em 1665 nominado *Philosophical Transactions of the Royal Society*.

para expor seus resultados em um trabalho de comunicação científica, que circulará entre os pares.

Ao publicarem textos, os cientistas registram o conhecimento (oficial e público), legitimam disciplinas e campos de estudos, veiculam a comunicação entre os pares e propiciam o reconhecimento público do conhecimento e de seu autor pela prioridade da teoria ou da descoberta (FREITAS, 2006, p. 55).

A frase de Faraday requer, entretanto, ser contextualizada no momento presente, marcado por dramáticas mudanças no campo da comunicação científica (MEADOWS, 1999; BIOJONE, 2001). De acordo com Boon (2016, não paginado, tradução nossa), em 2014,

[...] há aproximadamente 28.100 jornais ativos arbitrados por pares. Soma-se para esse crescimento, o número de jornais científicos predatórios ou falsos que produzem baixa qualidade de pesquisas de baixa qualidade [...] Outro fator importante é o crescimento no número de cientistas em todo o mundo, cujo aumento anual é de aproximadamente 4-5% ao ano.

Tal profusão de títulos de periódicos traz, subjacente, um conjunto de problemas, entre eles:

- a) a qualidade dos artigos – cerca de 50% contêm erros estatísticos;
- b) aproximadamente 50% dos artigos publicados nunca chegam a ser citados ou sequer consultados (TRZESNIAK, 2001);
- c) irregularidade na publicação e distribuição de periódicos;
- d) problemas de normalização dos artigos e do periódico;
- e) dificuldade de indexação em bases internacionais (BORINI; FERREIRA, 20015);
- f) existência de periódicos predatórios<sup>2</sup>.

Essas questões trouxeram para o campo da produção científica os aspectos éticos de suas atividades, desde a maneira e a forma como são produzidas as pesquisas, em relação à natureza e aos seres humanos, como também os cuidados com sua produção e circulação no que se refere à autoria e aos seus direitos.

Quando se trata da situação da produção científica no Brasil, o quadro apresenta outros contornos. De acordo com De Meise Leta (1996), a participação brasileira, considerando-se todas as áreas de conhecimento em periódicos indexados pelo Institute for Scientific Information (ISI), conquanto crescente (evolui de 0,29% em 1981 para 0,47% em 1989), era pouco expressiva. Além disso, no que tange à visibilidade, estudos mostram que aproximadamente 70% dos periódicos latino-americanos não estão incluídos em nenhum indexador reconhecido internacionalmente (GIBBS, 1995).

## 2 Periódicos na América Latina e no Brasil

No início dos anos 1980 (1982), foi criada a base Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências de Saúde (LILACS)<sup>3</sup> pelo Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação

<sup>2</sup>O termo foi concebido por Jeffrey Beall (professor associado e bibliotecário). Vários estudos mostraram aumento substancial no número de editores e revistas falsas.

<sup>3</sup>LILACS é o mais importante e abrangente índice da literatura científica e técnica da América Latina e Caribe. Há 31 anos contribuindo para o aumento da visibilidade, acesso e qualidade da informação em saúde na Região.

em Ciências da Saúde (BIREME), e, no final dos anos 1990, foi criado o Programa SciELO, tendo como um de seus objetivos “[...] aumentar a qualidade e visibilidade dos periódicos” (PACKER et al., 2014, p. 15) em base aberta, portanto, pública e de livre acesso. A partir de 2005, impulsionados pelo programa SciELO, os periódicos foram adquirindo visibilidade. 90% dos periódicos brasileiros na Web of Science do International Scientific Indexing (ISI) e no Scopus também fazem parte da coleção SciELO<sup>4</sup>, são editados por sociedades científicas ou instituições de pesquisa e ensino, não têm fins lucrativos e seus editores são concomitantemente pesquisadores respeitados e produtivos em suas áreas de atuação. O uso da plataforma *Open Journal System* (OJS), provida pelo Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica (IBICT), também contribui para apoiar editores na gestão e operação de periódicos, por meio de recursos online e atividades de capacitação. Dez por cento dos periódicos brasileiros operam com taxas de publicação usadas para cobrir os custos de editoração, que variam de US\$ 60 a US\$ 500 por artigo (NASSI-CALÒ, 2014).

Muito se avançou no campo dos periódicos científicos no Brasil; entretanto, um problema permanece e se agrava no tempo presente: o financiamento. Em termos nacionais, o financiamento público é garantido por aporte da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior<sup>5</sup>(CAPES) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). As regras para obter subvenções nessas agências tornam-se mais difíceis ano após ano, e o número de periódicos que atendem a essas exigências são cada vez menores.

Para as revistas mistas (impressas e online), há problemas dos custos de publicação (revisão ortográfica – português, inglês e espanhol – normalização, diagramação), além de distribuição e divulgação aos leitores (por exemplo, por meio de mídias sociais). Os custos diretos e indiretos com a publicação e distribuição reduziram, mas não deixaram de ser um dos motivos para a descontinuidade de alguns periódicos nacionais (COSTA, 2015).

No caso das revistas online, o Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER/*Open Journal Systems*) é a principal ferramenta de editoração de revistas científicas em mídia digital no Brasil. O uso do SEER/OJS possibilita o acesso e a recuperação da informação. Mesmo sendo uma vantagem do periódico eletrônico, devido à redução dos custos com impressão e postagem, as revistas científicas *online* têm gastos com editoração, manutenção da periodicidade de publicação, conectividade, apoio técnico e arquivamento de longo prazo (CUENCA; NORONHA; UENO; KOBAYASHI, 2011; FERREIRA; CAREGNATO, 2008).

Por fim, a pressão por publicar recai sobre docentes com sobrecarga de trabalho e, em muitos casos, condições inadequadas para desenvolvimento de suas pesquisas. Luiz

---

<sup>4</sup>O número de revistas científicas nacionais indexadas na base de dados internacional Web of Science-ISI (WoS) aumentou 205% entre 2002 e 2008 (FAPESP na mídia – <http://www.bv.fapesp.br/namidia/noticia/28975/numero-periodicos-cientificos-brasileiros-base/>).

<sup>5</sup>O edital da Capes visa “apoiar e incentivar a editoração e a publicação de periódicos científicos brasileiros em todas as áreas de conhecimento, sendo considerado prioritário o apoio às revistas divulgadas por meio eletrônico, na Internet, em modo de acesso aberto, ou de forma impressa/eletrônica simultaneamente (CAPES, 2017). Em 2016, foram apoiados 97 periódicos. Destes apenas um (Katálysis) era do Serviço Social. No CNPq, o edital de 2015 apoiou 157 periódicos (nenhum do Serviço Social).

Davidovich, presidente da Academia Brasileira de Ciência (ABC), indicava em 2017 que os pesquisadores

[...] precisam de insumos biológicos para fazer seus experimentos, [...] não há mais recursos para esses insumos. Com isso, os laboratórios estão parando. E param também as teses que estão sendo desenvolvidas, os trabalhos de mestrado e de doutorado que se destinam a formar os pesquisadores de amanhã, aqueles que, no futuro, vão combater as epidemias emergentes, como azika, ou agora a febre amarela.

Nesse contexto, os pesquisadores são avaliados por dois parâmetros: capacidade de captação de recursos para sustentar suas pesquisas e a qualificação de sua produção científica. Diante disso, discutir o tema da avaliação de periódicos como elemento constitutivo do processo de avaliação da produção de conhecimento gestado pela pós-graduação brasileira é central e urgente. É o que nos propomos fazer nos apontamentos seguintes.

### 3. Os periódicos científicos e o Qualis periódicos da Capes.

O sistema de avaliação dos programas de pós-graduação no país foi instituído pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (Capes) em meados da década de 1970, ocasião em que foram criadas as comissões de assessores por área<sup>6</sup>, para a avaliação e o acompanhamento dos cursos, e foi estabelecido o Conselho Técnico-Científico da Educação Superior (CTC-ES) (BARATA, 2016).

Em 1998, ocorreu mudança no processo de avaliação, a padronização da ficha de avaliação com sete quesitos: proposta do programa, corpo docente, atividades de pesquisa, atividades de formação, corpo discente, teses e dissertações e produção intelectual. Todas as áreas de avaliação deveriam analisar os mesmos quesitos, embora pudessem utilizar, no processo, diferentes tipos de indicadores (BARATA, 2015). O ex-presidente da Capes Baêta Neves (2002, p. 6) afirma que essa mudança na avaliação teve como motivação

[...] o reconhecimento claro de que a avaliação não discriminava mais a excelência. A curva de conceitos atribuídos era uma curva ascendente. Havia cerca de 90% dos programas, nas avaliações de 1994 e na de 1996 (que repetiu, praticamente, os resultados de 1994) [...]. A avaliação tornou-se uma avaliação competitiva entre os programas, a partir de indicadores de excelência de qualidade que a cada momento poderiam ser movidos para cima, ou seja, ao contrário da avaliação anterior.

Também foi em 1998 que ocorreu a qualificação da produção intelectual dos programas por meio da classificação dos veículos de divulgação da produção científica. A avaliação dos periódicos científicos derivava também da proliferação significativa de títulos (BARBALHO, 2005).

A primeira classificação adotada dividia os periódicos em três grupos com três estratos em cada grupo. Os grupos separavam os periódicos segundo à circulação – internacional,

<sup>6</sup>A primeira representante da área foi Margaret Jenks (GARCIA; NOGUEIRA, 2017).

nacional ou local –, e, em cada grupo, as revistas científicas eram classificadas nos estratos A, B e C, conforme seu impacto ou relevância para um determinado campo científico.

Na ficha de avaliação desse período, a comissão de área do Serviço Social registrava:

Com relação à qualificação das publicações, de acordo com o Qualis, registra-se a seguinte contribuição para a área de conhecimento: 1) Artigos completos em periódicos: Internacional: C (14,3%); Nacional: A (75%), B (12,5%), C (12,5%). Local: A (40%), C (60%) (CAPES, 2001).

Após a trienal 2007, a Diretoria de Avaliação da Capes propôs ao Conselho Técnico Científico do Ensino Superior (CTC-ES) a reformulação do Qualis. Após discussões, o CTC-ES aprovou nova classificação com os sete estratos que até hoje são utilizados, a saber: A1, A2, B1, B2, B3, B4 e B5<sup>7</sup>.

Como uma das ferramentas utilizadas para a avaliação dos programas de pós-graduação no Brasil, o Qualis auxilia os comitês de avaliação no processo de análise e de qualificação da produção bibliográfica dos docentes e discentes dos programas de pós-graduação credenciados pela Capes (BARATA, 2016). Pode-se inferir que isto permitiu um impacto positivo, do ponto de vista quantitativo e qualitativo, quanto à produção e circulação do conhecimento produzido pela área. No entanto, os desdobramentos dessalógica agregaram à pesquisa uma dinâmica de competitividade e acirramento, com sérias implicações nas condições de trabalho e saúde dos pesquisadores (FONSECA, 2001; CASTIEL; SANZ-VALERO, 2007; NOGUEIRA; SILVA, 2012).

#### **4. O Qualis periódicos do Serviço Social 2017**

O Qualis 2017 envolveu a avaliação dos periódicos no período de 2013 a 2015 (feita em 3 momentos diferentes) e 2016, totalizando inicialmente 714 títulos classificados (após unificação de periódicos que apareciam registrados ora como impressos, ora como *online*). Registra-se, ainda, a presença de 54 registros classificados como não periódicos. Após revisão final, foram contabilizados 762 periódicos (identificação de periódicos repetidos), o que significa três vezes o total de periódicos analisados na Trienal 2013, que foi 249 periódicos.

Na avaliação de 2016, foram utilizados os critérios Qualis periódicos aprovados pelo CTC-ES em junho em 2016, momento em que os critérios se basearam na presença de indexadores<sup>8</sup> e índices bibliométricos (como Journal Citations Report (JCR), Scopus e o índice h5 do Google Scholar Metrics<sup>9</sup>, entre outros). Essa mudança seguiu uma tendência de

---

<sup>7</sup>Há ainda um estrato C, destinado a publicações que não constituem periódicos científicos ou não atendem aos critérios mínimos estabelecidos em cada área para ser classificado.

<sup>8</sup>Os indexadores reúnem um conjunto de títulos de periódicos que passaram por um processo de seleção. Impulsionados pela internet, eles permitem que os leitores acessem os artigos dos periódicos. Exemplos mais conhecidos de indexadores de abrangência temática geral são o SciELO (nacional) e a Web of Science e Redalyc (internacional).

<sup>9</sup>O Google Scholar Metrics (GSM) é um serviço bibliométrico em acesso aberto que fornece um ranking mundial de periódicos científicos segundo o indicador h-index calculado sobre a base das citações compiladas pelo motor do Google Scholar nos últimos 5 anos, daí a denominação h-5-index<sup>9</sup>. Este índice difere do

padronização do Qualis das áreas e trouxe novas exigências à avaliação dos periódicos. Tal tendência respondia às pressões internas e externas diante das assimetrias das classificações entre as áreas.

O índice-h5 (do Google) é o índice-h calculado usando apenas os artigos publicados nos últimos 5 anos completos recentes (2011-2016). O mediano-h5 é o número médio de citações dos artigos incluídos no índice-h5.

Assim, a principal mudança foi excluir critérios que eram específicos aos periódicos nacionais (como % de autores por instituição), associando a qualidade às exigências de indexadores, visibilidade e número de citações.

Por outro lado, o crescimento do número de periódicos trouxe a ocorrência de situações que não respeitam as boas práticas editoriais (periódicos que não apresentam claramente os procedimentos do fluxo editorial e a garantia de avaliação às cegas por pareceristas independentes) ou falsos periódicos (publicação exclusiva de trabalhos apresentados em eventos científicos).

Na busca por informações dos periódicos, disponíveis nos sites de cada um, foram identificados os indexadores e repositórios utilizados. Os mais utilizados são: DOAJ, Latindex, Dialnet, Clase e Diadorim. Apenas 2 periódicos da área estão no Scielo (2) e no Redalyc (2). Do total, 93 periódicos constavam no Scopus e, destes, 39 constavam também no Journal Citation Report (JCR).

O índice h5 do Google Scholar dos periódicos da área variou entre mínimo de 4 e máxima de 13. Esse é um índice baixo e requer problematizações que vão desde sua utilização e qualificação até o significado e impacto de seu índice nas avaliações da área. De qualquer forma, precisamos pensar o quanto os artigos publicados vêm sendo lidos e citados (e, nesse caso, estaríamos identificando os achados de Trzesniak (2001), que indicam que 50% dos artigos publicados nunca chegam a ser citados ou sequer consultados).

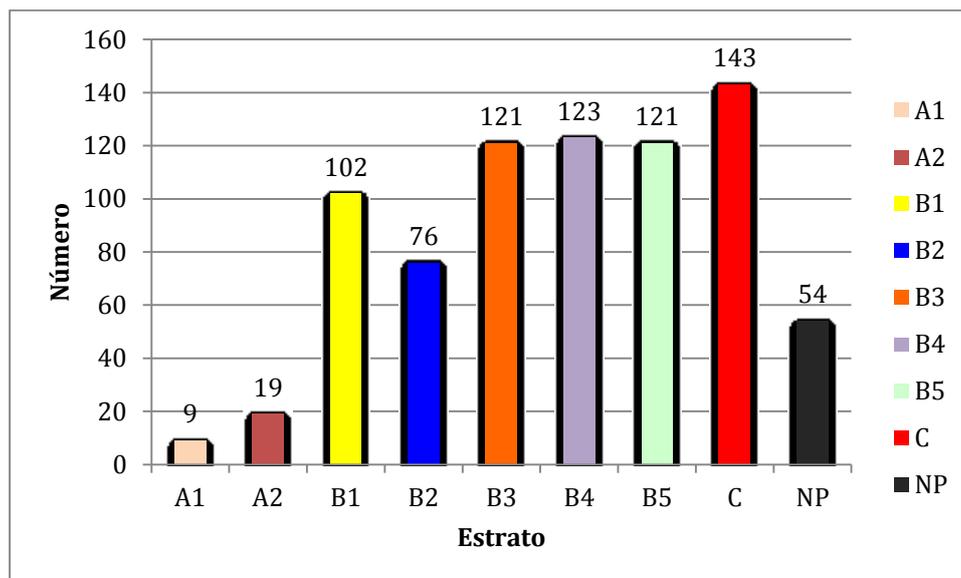
Quando não eram encontradas as informações mínimas, ou não atendiam aos critérios para serem considerados periódicos ou, ainda, não se pautavam por boas práticas editoriais, os títulos eram classificados como não periódicos. No estrato C foram enquadrados os periódicos que não atendiam às exigências para os estratos compreendidos entre A1 e B5.

Como resultado, tivemos 9 periódicos que caíram de estrato e 14 que subiram. O restante manteve o estrato atribuído anteriormente. O processo de avaliação resultou no seguinte quadro de classificação dos periódicos da área 32 (Serviço Social):

**Figura 1 - Avaliação dos periódicos da área 32 (anos 2013-2016)**

---

JCR/WoS da ClarivateAnalytics e do SJR/Scopus do SCImago pelas políticas de seleção, cobertura e a indexação dos periódicos científicos que inclui.



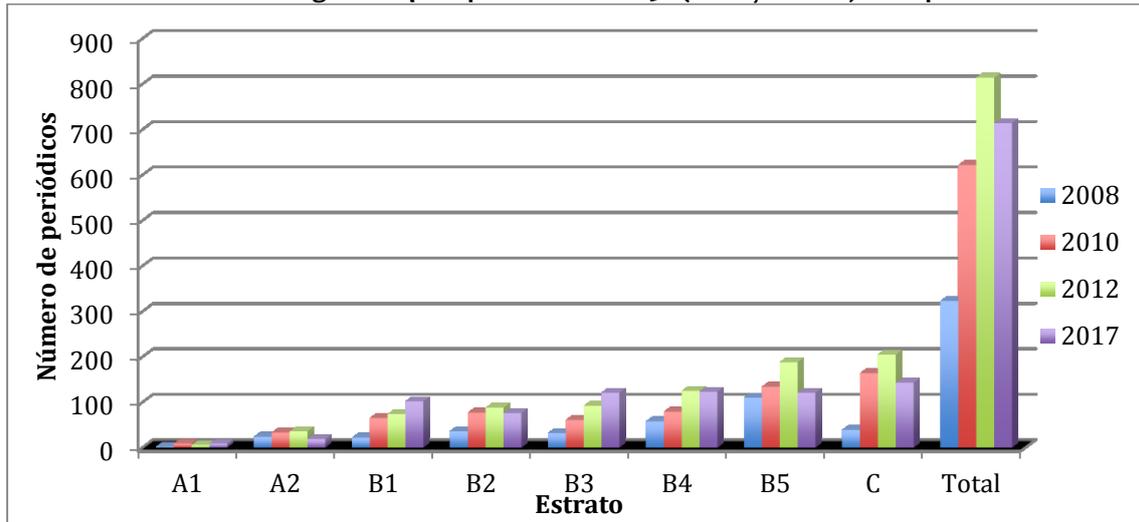
Fonte: Relatório de área da Capes (2017).

Em uma análise comparativa (considerando os dados de avaliações anteriores), observamos que o Qualis 2013-2016 expressa:

- a) crescimento percentual dos periódicos nos estratos superiores (A1+A2+B1), com destaque para o crescimento do estrato B1 (14,3%);
- b) elevado percentual de periódicos em B5 e C (que totalizam 36,9% do total de periódicos analisados). Cabe destacar que, nos últimos 10 anos (2008- 2017), a área empreendeu esforços de qualificação dos veículos utilizados. Em 2008 o percentual de periódicos entre B5 e C foi de 46,1%, passando em 2012 a 46,1%. No Qualis 2015 o percentual foi de 36,1%. Mesmo reconhecendo esse esforço, cabe aqui destacar o fato de que o estrato C significa que o periódico não cumpre exigências mínimas (periodicidade e regularidade) para ser qualificado. Na área o estrato C representou 20% do total de registros. Se agregarmos os 7% dos não periódicos, significa dizer que quase 30% da produção não apresenta qualidade quanto ao veículo utilizado para divulgação científica, segundo os critérios estabelecidos.

Ao longo dos anos, a área de Serviço Social envidou esforços – expressos no gráfico (Figura 2) –, de ampliação da difusão do conhecimento produzido pelos programas da área. No caso de periódicos, evidenciamos uma ampliação no número de veículos utilizados entre 2008 e 2017, sendo esse aumento foi superior a 100%. Entretanto, esse crescimento vem se concentrando nos estratos inferiores.

Figura 2 -Qualisperiódicos área 32 (Serviço Social) na Capes



Fonte: dados sistematizados por Lúcia Garcia a partir do Qualisperiódico.

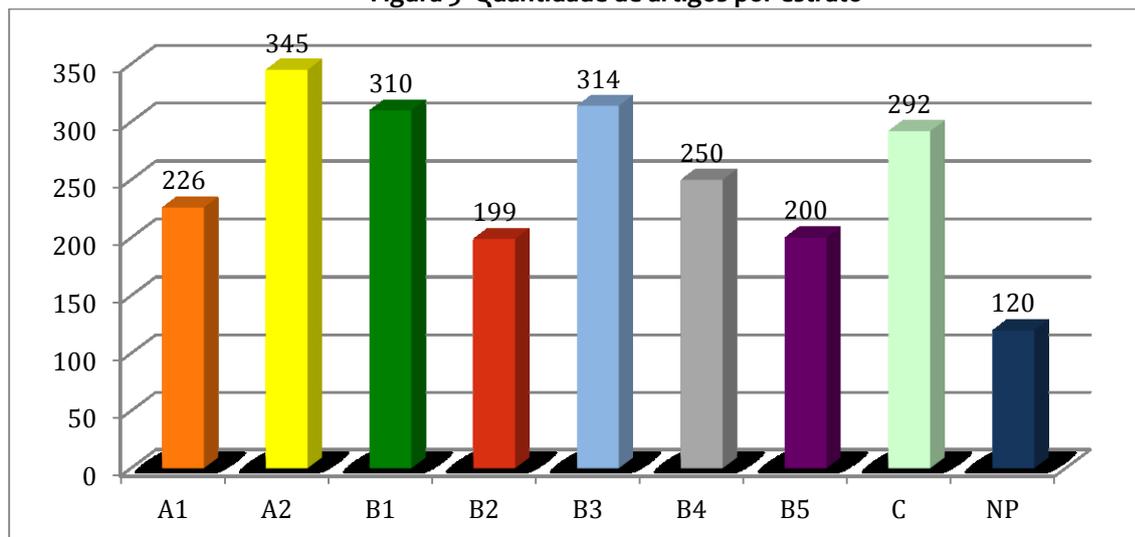
As principais constatações desse processo foram:

- reconhecimento de que os periódicos ofereceram maior volume de informação nos sites, garantindo não unicamente maior facilidade no processo avaliativo, mas principalmente a maior socialização do conhecimento;
- ampliação no último ano do quadriênio do número de publicações considerando-se os períodos anteriores, passando a 2.256 em 2016 (Figura 3), o que expressa o compromisso dos docentes e discentes com a socialização do conhecimento produzido;
- diversificação dos periódicos, com linhas editoriais que podem ser distribuídas entre: periódicos da área; periódicos das Grandes áreas de Ciências Sociais e Ciências Humanas; periódicos de outras áreas ou grandes áreas distantes dos objetos e temas de estudo da área.

#### 4.1. Os periódicos utilizados pela área de Serviço Social e o Qualis 2016

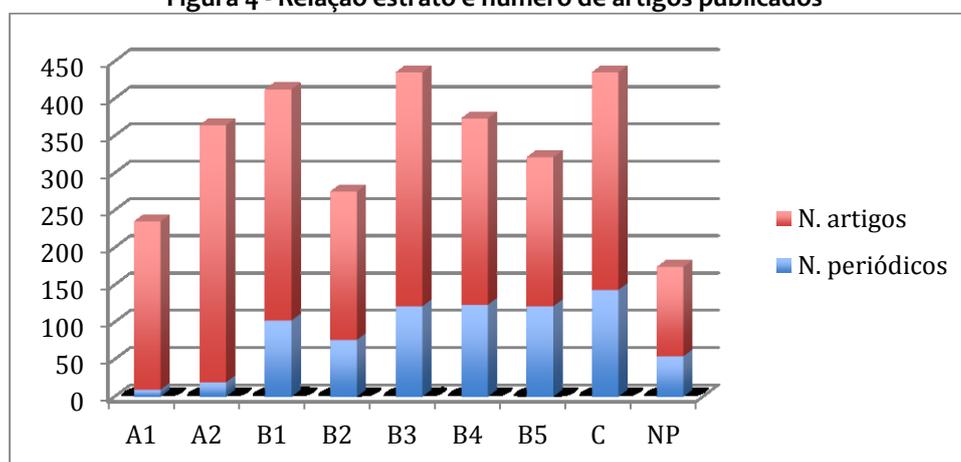
Numa análise dos periódicos utilizados por docentes e discentes da área 32 na Capes, em termos da distribuição dos artigos por periódicos, observamos que temos poucos periódicos nos estratos A1, A2 e B1 (9, 19 e 102, respectivamente), mas estes recebem proporcionalmente o maior volume de artigos publicados (Figuras 3 e 4). Assim, temos poucos periódicos nos estratos superiores, mas concentramos nossos artigos nesses estratos.

**Figura 3 - Quantidade de artigos por estrato**



Fonte: Relatório de área, Capes, 2017

**Figura 4 - Relação estrato e número de artigos publicados**



Fonte: Relatório de área, Capes (2017).

Se analisarmos apenas os periódicos considerados com linha editorial pertencente à área de Serviço Social, verificaremos que são poucos (2 em A1 – Katálysis e Serviço Social & Sociedade – e 5 em A2 – SER Social, Em Pauta, Textos & Contextos, Argumentum, Revista de Políticas Públicas) e todos vêm enfrentando dificuldades para manutenção dos periódicos em dia e indexação em bases internacionais<sup>10</sup>.

Na Tabela 1, apresentamos a frequência de publicações em 16 periódicos com maior concentração de artigos. Seis (6) periódicos concentram 60% do total de artigos publicados pela área.

Dos 16 periódicos da área (Tabela 1), 11 são mantidos por instituições públicas de ensino superior. Em um contexto de corte de recursos, esses periódicos são confrontados com o desafio de manter a periodicidade do veículo e a ausência de recursos para tal tarefa. Acrescenta-se a isso a impossibilidade de acesso aos editais nacionais de financiamento de periódicos devido às condicionalidades neles presentes, sendo uma delas estar no SciELO e Scopus, exigência que inviabiliza a participação de qualquer dos 16 periódicos.

<sup>10</sup>Em geral predominam indexadores latino-americanos.

**Tabela 1 - Periódicos da área que mais publicam artigos da área**

Nome periódico	Estrato	N. artigos registrados pela área na Sucupira 2013-2016
REVISTA DE POLITICAS PÚBLICAS	A2	91
SERVIÇO SOCIAL & SOCIEDADE	A1	88
ARGUMENTUM	A2	87
TEMPORALIS	B1	87
REVISTA KATÁLYSIS	A1	80
TEXTOS & CONTEXTOS	A2	73
O SOCIAL EM QUESTÃO	B1	54
SERVIÇO SOCIAL EM REVISTA	B3	46
SOCIEDADE EM DEBATE	B2	42
OIKOS	B3	39
SER SOCIAL	A2	39
SERVIÇO SOCIAL & SAÚDE	B4	31
EM PAUTA	A2	27
LIBERTAS (JUIZ DE FORA)	B4	27
EMANCIPAÇÃO	B2	21
GÊNERO	B3	10
Total		842

**Fonte:** Dados sistematizados por Maria Lúcia Teixeira Garcia a partir do Qualis periódico

Outro aspecto a destacar é a busca dos periódicos da área por diferentes áreas, considerando o caráter interdisciplinar das temáticas abordadas nos números publicados. Essa diversidade de áreas merece destaque: das 49 áreas de avaliação existentes na Capes, 26 publicaram na Revista de Políticas Públicas (53%); 16 (32,6%) na Katálysis e em O Social em Questão, e 15 na Argumentum, por exemplo (Tabela 2).

**Tabela 2 - Total de áreas que publicaram em periódicos do Serviço Social**

Nome do periódico	Total de artigos da área publicados	Total de áreas que publicaram no periódico
ARGUMENTUM	87	15
EM PAUTA	27	11
EMANCIPAÇÃO	21	10
LIBERTAS	27	10
O SOCIAL EM QUESTÃO	54	16
REVISTA DE POLITICAS PÚBLICAS	91	26
REVISTA KATÁLYSIS	80	16
SER SOCIAL	39	12
SERVIÇO SOCIAL & SAÚDE	31	7
SERVIÇO SOCIAL & SOCIEDADE	88	14
SERVIÇO SOCIAL EM REVISTA	46	11
SOCIEDADE EM DEBATE	42	12
TEMPORALIS	87	8
TEXTOS & CONTEXTOS	73	14

Fonte: Dados sistematizados por Maria Lúcia Teixeira Garcia a partir do *Qualis* periódico

Da mesma forma que os periódicos da área vêm publicando artigos de diferentes áreas do conhecimento, também os docentes e discentes vinculados aos programas de pós-graduação da área vêm recorrendo a um amplo espectro de periódicos, com destaque para aqueles vinculados às áreas da saúde.

Nome do periódico	Estrato (2013 - 2016)	Total de artigos da área publicados
REVISTA FSA (FAC. SANTO AGOSTINHO)	B3	30
CIÊNCIA E SAÚDE COLETIVA	A1	27
CADERNOS DE SAÚDE PÚBLICA	A1	25
REVISTA SODEBRAS	C	21
INFORME ECONÔMICO (UFPI)	C	18
UNIVERSIDADE E SOCIEDADE	C	18
CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES	B5	13
SAÚDE EM DEBATE	B1	13
REVIEW OF RESEARCH	C	10
REVISTA DE ENFERMAGEM UFPE ON LINE	B4	10
REVISTA PÓS-CIÊNCIAS SOCIAIS	B3	9

Fonte: dados sistematizados por Lúcia Garcia a partir do *Qualis* periódico

Essa diversidade de periódicos chama a atenção: há artigos em periódicos muito distantes dos objetos de estudo dos programas de pós-graduação da área, tais como: *MolluscanResearch*, *American Journal of Hypnosis*, *International Journal of Nephrology*, *Journal of Chemical Science and Technology*, entre outros. Vale salientarmos que alguns desses periódicos são reconhecidos como de excelência em suas áreas de especialidade.

Destacamos a ampliação de publicações em periódicos internacionais, o que demarca a circulação da produção de conhecimento do Serviço Social brasileiro no cenário internacional, favorecendo a expressão de seus fundamentos éticos, políticos e teórico-metodológicos (ainda que a maioria dos periódicos internacionais seja de outras áreas do conhecimento).

Em relação à internacionalização da produção, identificou-se a publicação em periódicos de grande circulação e reconhecimento inscritos nos principais indexadores, contribuindo para maior visibilidade da área (tais como *Nature*, *Science* e *Lancet*, por exemplo). Entretanto, esses dados apontam aspectos que precisam de atenção. Primeiramente, a utilização de bons veículos de divulgação científica é importante para a difusão do conhecimento produzido pelos programas de pós-graduação e também para o impacto dessa produção científica na sociedade e maior intercâmbio e colaboração de pesquisas entre países, instituições e áreas afins. Em função dessa afirmação, uma das preocupações é com a existência de periódicos relevantes na história da profissão que, por diversos motivos, vêm tendo reduzida a relevância anterior.

Outra preocupação refere-se ao processo editorial e o papel desempenhado pelos editores, os quais são professores que muitas vezes não têm a preparação adequada para exercer essa tarefa, que vai sendo aprendida no processo, sendo ainda essa atividade partilhada com outras tarefas nos programas que, igualmente, não podem ser secundarizadas.

Cabe destacar, ainda, a importância de o corpo editorial (editores científicos e técnicos, comitê editorial e comissão editorial) estar organicamente vinculado às diretrizes do programa, o que favorece a necessária autonomia para o encaminhamento ágil do processo de editoração. Deve-se lembrar também a responsabilidade ética, política e técnica do corpo editorial sendo os responsáveis pela gestão editorial e o cumprimento dos critérios de indexação até o desempenho final dos periódicos. Essa responsabilidade, por sua vez, vai demandar que tenha autonomia em suas decisões, respeitando o projeto editorial.

A complexificação da gestão editorial, incluindo desde as tarefas da equipe editorial até a compatibilização das distintas plataformas e as normatizações sobre esse processo e a sua publicação, vem exigindo uma profissionalização crescente, e, via de regra, os periódicos não têm como fazer frente a essas novas exigências.

A responsabilidade dos pareceristas, articulada aos critérios estabelecidos pela linha editorial da revista, implicadiretamente a qualificação do periódico. Porém, a exigência de pareceres consistentes e o parco número de programas e pareceristas pressionam os profissionais e, em algumas temáticas, alguns não conseguem responder à dinâmica editorial exigida, gerando problemas no processo editorial.

Por fim, a mercantilização acelerada da área editorial, os cortes orçamentários do setor público e a exigência de produção acadêmica crescente, em termos de qualidade e quantidade, vêm se tornando uma equação difícil de ser administrada, especialmente para a área em questão, que é contrária aos acessos restritos e pagos.

## **Conclusão**

Cabe destacar, ao final deste artigo, que a produção e circulação de periódicos, articuladas ao processo de avaliação dos programas, estão carregadas de tensões, problematizações e contradições que precisam ser debatidas. O caminho percorrido neste artigo apresenta alguns aspectos para esse debate.

Do ponto de vista analítico, cabe indicar três pontos fundamentais para a pauta da avaliação dos programas e dos periódicos, são eles: a pesquisa e a produção de conhecimentos da área; a internacionalização; e a qualificação dos periódicos.

O primeiro significa que a publicação em periódicos é resultado de processos de pesquisa empíricos e teóricos que agreguem produção da área de conhecimento e, a partir desta, estabeleçam diálogo crítico e contribuição para as grandes áreas. A restrição de periódicos em A1 e sua concentração de artigos nos estratos elevados (A1 a B3) demonstram que os elementos essenciais de uma pesquisa, enquanto produção de conhecimentos “novos” que contribuam para consolidação e avanço da área, precisam ser ampliados e qualificados.

Na proporção em que exista pesquisa e produção de conhecimentos consistentes na área, expande-se sua capacidade de diálogo com outros países e articulação com núcleos e redes de pesquisas internacionais. Esse aspecto começa a estruturar-se, tanto em termos de exigências formais (os periódicos estrangeiros requerem textos com número inferior de caracteres do que os periódicos nacionais) quanto em suporte técnico para a tradução dos textos e diálogo com autores estrangeiros, ponto de partida para a internacionalização.

Por último, a qualificação dos periódicos indica esforço dos programas de pós-graduação de construir políticas editoriais fortes em suas respectivas universidades, para que tenham garantidas as condições de trabalho. Ou seja, o tripé ensino, pesquisa e extensão, associado à comunicação e difusão do conhecimento científico, requer a formação e qualificação de quadros técnicos de alto nível para a gestão dos periódicos. Em um sofisticado sistema de mercado e competitividade, não cabem mais improvisações, principalmente nas áreas que se colocam na crítica dessa lógica e, especialmente, na produção de um conhecimento que, por ser científico, é político e pretende, com seu saber e fazer, transformar essas condições.

## Referências

BARBALHO, Célia Regina Simonetti. Periódico científico: parâmetros para avaliação de qualidade. In: FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto; TARGINO, Maria das Graças (Orgs).

**Preparação de revistas científicas: teoria e prática.** São Paulo: Reichman & Autores Editores, 2005.

BIOJONE, Mariana Rocha. **Forma e função dos periódicos científicos na comunicação da ciência.** 2001.107f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação e Documentação)- Escola de Comunicação e Artes de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em:

<[https://www.researchgate.net/publication/267936973\\_Forma\\_e\\_funcao\\_dos\\_periodicos\\_cientificos\\_na\\_comunicacao\\_da\\_ciencia](https://www.researchgate.net/publication/267936973_Forma_e_funcao_dos_periodicos_cientificos_na_comunicacao_da_ciencia)>. Acesso em: 28 dez. 2017.

BOON, S. 21 st Century Science overload. **The CSP blog**, 7 Jan. 2016. Disponível em:

<<http://www.cdnsiencepub.com/blog/21st-century-science-overload.aspx>>. Acesso em: 19 mar. 2018.

BORINI, Felipe Mendes; FERREIRA, Jackeline. Internacionalização de Periódicos Científicos Brasileiros: Estudo de Caso à luz da Teoria de Redes e da Teoria Institucional.

**Revista Ibero-Americana de Estratégia**, v. 14, n. 4, p. 24, 2015. Disponível em: <<http://www.revistaiberoamericana.org/ojs/index.php/ibero/article/view/2252>>. Acesso em: 17 maio 2017.

CASTIEL, Luis David; SANZ-VALERO, Javier. Entre fetichismo e sobrevivência: o artigo científico é uma mercadoria acadêmica?. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.23, n.12, p.3041-3050, dez. 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2007001200026>>. Acesso em: 19 mar. 2018.

COSTA, A.J. B. Financiamento de periódicos nacionais: o estado da arte. **Ponto de Acesso**, Salvador, v.9, n.1,p. 2-20, abr. 2015.<[www.pontodeacesso.ici.ufba.br](http://www.pontodeacesso.ici.ufba.br)>. Acesso em: 19 mar. 2018.

CUENCA, Angela Maria Belloni; NORONHA, Daisy Pires; UENO; Helena Mariko; KOBAYASHI, Keilla M. Periódicos brasileiros de saúde pública: a questão do financiamento. **InCID**, Ribeirão Preto, SP, v.2, n.2, p. 101-110, jul./dez. 2011.

DE MEIS, L.; LETA, J. **O perfil da ciência brasileira**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

FARADAY, F. James M.The Correspondence of Michael Faraday. **The Royal Institution**, London, UK, v. 4, p.1849-1855, p.942.1999. Disponível: <<http://www.rigb.org/our-history/michael-faraday/michael-faraday-correspondence/volume-four>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

FERREIRA, Ana Gabriela Clipes; CAREGNATO, Sônia Elisa. A editoração eletrônica de revistas científicas brasileiras: o uso de SEER/OJS. **TransInformação**, p. 171-180, maio/ago.2008.

FONSECA, Claudia. Avaliação dos programas de pós-graduação: do ponto de vista de um nativo. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 7, n. 16, p. 261-275, dez. 2001.<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_issuetoc&pid=0104-718320010002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0104-718320010002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 21 mar. 2018.

FREITAS, M.H. Considerações acerca dos primeiros periódicos científicos brasileiros. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 54-66, set./dez. 2006.

GIBBS, W. W. Lost science in the third world. **Scientific American**, p. 76-83, Aug. 1995.

HOBBSAWM, Eric. **As origens da Revolução Industrial**. São Paulo: Global Editora, 1979.

MARX, Karl. **Para a Crítica da Economia Política: Introdução**. Trad. José Arthur Giannotti e Edgar Malagodi. São Paulo:Abril Cultural,1985. p.101-125. (Coleção Os Pensadores).

NASSI-CALÒ, L. Estudo destaca os modelos de publicação em periódicos científicos do Brasil e Espanha. **SciELOemPerspectiva**, 2014. Disponível em: <<http://blog.scielo.org/blog/2014/04/25/estudo-destaca-os-modelos-de-publicacao-em-periodicos-cientificos-do-brasil-e-espanha/>>.Acessoem: 2 jan. 2018.

NEVES, ABÍLIO BAETA. Depoimento Abílio Baeta Neves. **INFOCAPES** - Informativo da CAPES, Brasília (DF), v.10, n. 4, p. 6-15, out./dez. 2002. Disponível: <[https://www.capes.gov.br/images/stories/download/bolsas/Infocapes10\\_4\\_2002.pdf](https://www.capes.gov.br/images/stories/download/bolsas/Infocapes10_4_2002.pdf)>. Acesso em: 12 jan. 2018.

NOGUEIRA, V.M. R.; SILVA, V. R. Ética em pesquisa, plataforma brasil e a produção de conhecimento em ciências humanas e sociais. **Ser social (UNB)**, Brasília, v. 14, p. 190-209, 2012.

PACKER, Abel L. et al. (Org.). **SciELO - 15 Anos de Acesso Aberto [livro eletrônico]**: um estudo analítico sobre Acesso Aberto e comunicação científica. Paris: UNESCO, 2014.

TRZESNIAK, P. A concepção e a construção da revista científica. In: CURSO DE EDITORAÇÃO CIENTÍFICA, 10., 2001, Petrópolis. Petrópolis: ABEC, p. 17-23, 2001.